

RADICADO NA
EUROPA DESDE
1985, FILHO DO
MAESTRO
CLAUDIO
SANTORO SE
APRESENTA
AMANHÃ NA
SALA MARTINS
PENNA

O HERDEIRO

No teatro que leva o nome do pai, Sandro Santoro utilizará o cravo emprestado pela Escola de Música para tocar peças do ídolo Johann Sebastian Bach

Gustavo Galvão
Especial para o Correio

Fazia frio em Schriesheim, cidade medieval com cerca de seis mil habitantes, encravada no sul da Alemanha. Era fevereiro de 1977 e sons estranhos ecoavam daquela casa de quatro andares, onde morava uma família de brasileiros exilados do regime militar. Naquele inverno, como de hábito, o compositor Claudio Santoro fazia experiências sonoras com sintetizadores e autôfalantes instalados nas paredes.

Eram "tóins", "ións" e outros ruídos que irritavam os três filhos de Claudio. Especialmente Alessandro. Por isso, ao completar dez anos de idade, não hesitou em pedir de presente alguma gravação de *A Paixão Segundo Mateus*, de Johann

Sebastian Bach. "Era como se ele falasse: 'Socorro, vamos voltar para o barroco!'", brinca a mãe Gisele Santoro, às gargalhadas.

Na verdade, mais do que descanso para os ouvidos, Bach representava um caso de amor com a música erudita. O caso foi estimulado pelo pai compositor e pela mãe, bailarina. Também foi incentivado pelas aulas que teve ainda na infância, passada quase que integralmente na Alemanha. As portas para a carreira dedicada à música estavam abertas para Alessandro Santoro. Ou simplesmente Sandro. "As pessoas têm preguiça de falar Alessandro e ficou Sandro mesmo."

Então fica Sandro. "Já me chamaram até de Alexandro", conta, sempre sorridente e nada contrariado. Chamavam-no também de "Sacha" em Moscou, onde fez mes-

trado para piano em meados da década de 80. Desde 1985, ele está na Europa, onde trata de aperfeiçoar os conhecimentos de piano e cravo em conceituados conservatórios musicais. Os brasilienses podem conhecer os resultados de mais de 20 anos de estudos somente amanhã.

A partir das 21h, Sandro e um cravo, cedido especialmente pela Escola de Música de Brasília, estarão reunidos no palco da Sala Martins Penna do Teatro Nacional Claudio Santoro (o nome homenageia exatamente o pai dele). Juntos, intérprete e instrumento respondem pelo concerto que dá prosseguimento ao projeto *Arte por Toda Parte — Edição de Verão*. Os ingressos estão à venda por preços populares (R\$ 8,00 e R\$ 4,00), mas o programa é de primeiríssima.

"Procuo representar três gerações diferentes do cravo", explica ele, agora com 33 anos. O repertório recupera peças do italiano Girolamo Frescobaldi (1583-1643) e dos alemães Johann Froberger (1616-1667) e Johann Sebastian Bach (1685-1750). Não poderia faltar Bach. "Adivinha o que ele ouve em casa?", desafia Gisele Santoro. "Adivinha?", insiste. "Bach!"

COMPOSITOR ÚNICO

Ele rebate: "Ouço todo tipo de música *pop*, vou às discotecas e sou bem menos exigente que o público normal. Sinto apenas que a música contemporânea está perdendo contato com os sentimentos. A música erudita é tão universal que ainda não perdeu o valor dela." De qualquer maneira, há exceções como o DJ Raffa. Por

acaso, é o irmão mais novo de Sandro. "Ele tem bom senso e um ouvido excelente. Gosto muito do trabalho dele", completa.

Mas nada supera Bach. "Ele consegue ser único, e talvez por isso superou os demais. As composições dele são tão universais que vão continuar perfeitas se você interpretá-las com saxofone ou viola caipira", garante Sandro, admirado. Do ídolo ele escolheu *As Variações Goldberg*, uma das atrações do espetáculo de amanhã. "São árias com 30 variações, mas devo tocar apenas a segunda parte", adianta o cravista.

A apresentação é única. Talvez seja a única por muitos anos mais, pois Sandro não planeja retornar ao Brasil tão cedo. Não é por falta de vontade. O problema é que o país ainda não é propício para quem quer

aprimorar os conhecimentos em música erudita antiga. Por enquanto, os planos são: 1) encerrar o curso de mestrado no Conservatório Real de Haia, na Holanda, e 2) permanecer na Holanda.

"Tem muitas coisas acontecendo por lá e o trabalho no Brasil acaba sendo sempre de iniciação, dando aulas ou coisa parecida. Não existe uma atmosfera para continuar um trabalho com o instrumento aqui", lamenta, em raro momento de resignação. "O ambiente é tudo. Um dos defeitos do Brasil é a falta de acesso à informação."

SERVIÇO

SANDRO SANTORO
Apresentação do cravista Sandro Santoro, como parte do projeto Arte por Toda Parte — Edição de Verão. Amanhã, a partir das 21h, na Sala Martins Penna do Teatro Nacional. Ingressos a R\$ 8,00 e R\$ 4,00.